



Universidade de São Paulo

Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI

Museu Paulista - MP

Comunicações em Eventos - MP

2013-03-13

Gênero e conforto nas práticas cotidianas do sentar-se: São Paulo (Brasil), 1870-1920

<http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/43759>

Downloaded from: Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI, Universidade de São Paulo

Gênero e conforto nas práticas cotidianas do sentar-se. São Paulo (Brasil), 1870-1920¹.

Vânia Carneiro de Carvalho/Museu Paulista da Universidade de São Paulo

(enviado para publicação nos anais do IV COLÓQUIO DE ARTES DECORATIVAS DA ESAD /FRESS O MÓVEL E O SEU ESPAÇO – Escola Superior de Artes Decorativas – Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, realizado em 25, 26 e 27 de Outubro de 2012, o texto foi entregue em 13/03/2013)

O presente texto discute o uso da poltrona giratória e oscilante nos anos de 1870 e 1920 em escritórios domésticos da cidade de São Paulo. A análise da introdução deste artefato no espaço da casa permite entendermos como tais dispositivos materiais proporcionaram experiências de conforto inéditas para homens ao mesmo tempo em que as mulheres se viram impedidas de tal uso. Tal fenômeno permite pensarmos que as distinções de gênero não acontecem de forma abstrata, nem estão restritas a mecanismos simbólicos e ritualísticos, mas estão fortemente baseadas na constituição de corpos diferentes.

Em 1963, consolidando esforços de pesquisa iniciados em 1942², José de Almeida Santos sintetiza em seu *Mobiliário Artístico Brasileiro*, obra de três tomos que inaugura a coleção Museu Paulista, aquelas que seriam as preocupações centrais nos estudos de mobiliário no Brasil:

Nossa contribuição consiste em apontar a existência do mobiliário brasileiro como elemento autônomo, não por deliberação caprichosa de nossa fantasia, mas pelas influências históricas que nêle atuaram indelévels (ou sejam os meios físico e social) conforme tentamos demonstrar; em realizar sua classificação e delimitação; estudar seus tipos, metodizá-los, agrupá-los por estilos e épocas; dar-lhe nomenclatura atualizada, de acordo com normas referendadas pelo uso neste gênero de trabalho³.

Os estudos pioneiros sobre mobiliário brasileiro dos séculos XVII, XVIII e XIX foram importantes por várias razões, dentre elas, duas são pertinentes para nossa discussão. A primeira baseia-se no fato de tais pioneiros terem fundado uma linhagem de pesquisas empenhadas em identificar, em diferentes momentos da produção brasileira, características originais e criativas, tanto nos ornamentos utilizados quanto nas técnicas de construção. Preocupações desta natureza marcaram trabalhos como o de José Washt Rodrigues⁴, Gustavo Barroso⁵, Mario Barata⁶, Lúcio

1 Minha participação no IV Colóquio de Artes Decorativas/ESAD/FRESS – O móvel e seu espaço, em outubro de 2012, teve o auxílio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo/FAPESP.

2 José de Almeida Santos. O estilo colonial brasileiro. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 6, 1942.

3 José de Almeida Santos. *O mobiliário artístico no Brasil*. São Paulo, Museu Paulista, 1963, tomo I, vol. 1, coleção Museu Paulista, p. 25.

4 José Wash Rodrigues. *Mobiliário*. As artes plásticas no Brasil. Rio de Janeiro, SAB, 1952.

5 Gustavo Barroso. “Mobiliário Luso Brasileiro”. *Anais do Museu Histórico Nacional*, vol. 1. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1940.

Costa⁷, e mais recentemente Glória Bayex⁸, Luiz Seraphico⁹, Tilde Canti¹⁰ e Flexor¹¹. Com objetivos semelhantes, ou seja, identificar técnicas e designs próprios, porém relativos ao modernismo brasileiro florescente no século XX e seus descendentes, surgiram trabalhos como os de Loschiavo dos Santos¹², de Acayaba¹³ sobre a Branco & Preto, de Santi¹⁴ sobre a Indústria de Móveis CIMO, de Claro¹⁵ sobre a Unilabor, de Ortega¹⁶, entre outros.

A segunda razão reside no fato de o interesse pela identificação de ornamentos, tipo de madeira e técnicas de fabrico ter conduzido esses estudiosos a levar em conta o objeto em si, e não apenas as descrições textuais ou iconográficas existentes sobre eles. Tal preocupação esteve por muito tempo distante da perspectiva de estudos historiográficos sobre o modo de vida da sociedade brasileira, salvo raras exceções, como os trabalhos de Luís da Câmara Cascudo e de Gilberto Freyre. A tradição dos estudos de artes decorativas cultivada segundo os auspícios da História da Arte garantiu que o objeto não se perdesse no processo de análise. Por mais problemáticas que por vezes tenham sido tais abordagens, elas garantiram o mapeamento de exemplares remanescentes do mobiliário nacional e sua preservação em Museus, incentivaram o colecionismo deste tipo de objeto, valorizado estilisticamente, e consolidaram um conhecimento técnico importante, uma *expertise* sobre tais objetos.

Outra frente importante de estudos desenvolvidos no âmbito da História Social, voltada para questões como níveis de riqueza de segmentos sociais existentes na cidade de São Paulo no período colonial, encontrou no mobiliário notável indexador de fortunas. Baseados fundamentalmente na análise de inventários, estes estudos têm trazido forte contribuição para o entendimento seja da constituição dos extratos médios da sociedade paulistana em época em que não se supunha sua existência como é o caso da pesquisa de Oliveira¹⁷, seja da atuação de

6 Mário Barata. Os móveis do Brasil colonial. *Cultura Política*. Rio de Janeiro, n. 40, maio 1944, p. 243-248.

7 Lúcio Costa. Notas sobre a evolução do mobiliário luso brasileiro. *Arquitetura Civil III*. Mobiliário e alfaias. Textos escolhidos do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. São Paulo, FAUUSP e MEC/IPHAN, 1975.

8 Glória Bayeux. *O móvel da casa brasileira*. São Paulo, Museu da Casa Brasileira, 1997.

9 Luiz Seraphico. *Arte colonial: mobiliário*. São Paulo, Ed. das Américas, 1977.

10 Tilde Canti. *O móvel do século XIX no Brasil*. Rio de Janeiro, Cândido Guinle de Paula Machado, 1988.

11 Maria Helena Ochi Flexor. *Mobiliário bahiano*. Brasília, Iphan/Programa Monumenta, 2009.

12 Maria Cecília Loschiavo dos Santos. *O móvel moderno no Brasil*. São Paulo, Studio Nobel/FAPESP/Edusp, 1995.

13 Marlene Milan Acayaba. *Branco & Preto*. São Paulo, Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1992.

14 Maria Angélica Santi. *Contribuições aos estudos sobre as origens da produção seriada do mobiliário no Brasil. A experiência: Móveis CIMO S/A*. São Paulo, dissertação de mestrado (FAU-História da Arquitetura), 2000.

15 Mauro Claro. *Unilabor: desenho industrial, arte moderna e autogestão operária*. São Paulo, SENAC, 2004.

16 Cristina Garcia Ortega. *Lina Bo Bardi: móveis e interiores (1947-1968) – interlocuções entre moderno e local*. São Paulo, tese de doutorado (FAU-USP), 2008.

17 Maria Luiza Ferreira de Oliveira. *Entre a casa e o armazém. Relações sociais e experiência de urbanização. São Paulo 1850-1900*. São Paulo, Alameda, 2005.

extratos sociais enriquecidos com o comércio e aptos, o que não se comprovava até então, a investir em mobiliário, especialmente cadeiras, como vem demonstrando Borrego¹⁸.

A presente reflexão sobre o uso de poltronas mecânicas nos escritórios domésticos pretende, assim como os tradicionais estudos sobre o mobiliário brasileiro, levar em consideração o objeto como um documento de fundamental importância para a compreensão dos modos de construção das relações de gênero. Pretende, igualmente, tendo em vista os estudos sobre níveis de riqueza, conjecturar sobre a abrangência do consumo deste tipo de móvel. No entanto, nossa abordagem se aproxima dos estudos sobre conforto¹⁹, já que estes colocaram no centro da cena histórica a relação do corpo com o móvel. Um precursor da maior importância foi Siegfried Giedion²⁰, que perseguiu os primórdios da mecanização em diferentes dimensões da produção capitalista. Seu objetivo maior era contribuir para uma história que ele mesmo denominou como anônima. A parte IV de seu livro, intitulada “O encontro da mecanização com o ambiente humano”, é dedicada à mecanização do mobiliário para a produção de conforto. Foi ele que identificou e descreveu a poltrona giratória e oscilante, tema central deste artigo. Foi ele também que percebeu a natureza simbiótica do corpo humano com seus artefatos. Este último ponto é crucial e para aprofundá-lo precisamos considerar as contribuições do que se convencionou chamar de estudos de cultura material.

A partir dos anos de 1990 esta área passará a questionar os limites das abordagens simbólicas e representacionais da vida material. Os objetos não seriam apenas suportes de sentidos atribuídos, mas atuariam ativamente, como agentes, na conformação das práticas sociais. Tais questionamentos partiram da Antropologia e são de muita valia para percebermos como as atribuições de sentido não podem prescindir do modo como os objetos são utilizados. Assim como a prática da significação não pode acontecer no vazio, precisa do mundo material para se constituir como tal, também os objetos são produtos e agentes das significações a eles atribuídas em todo o circuito de sua vida social – projeto, produção, circulação e consumo²¹.

O problema epistemológico que se coloca foi apresentado pelo grupo de pesquisa *Matière a Penser*, fundado em 1995, na Paris V – René Descartes, que tem na figura de Jean-Pierre Warnier seu porta-voz. Este sintetizou no livro *Construire La culture matérielle* os argumentos teóricos e metodológicos do grupo. Ele se propõe a construir uma teoria da cultura material na

18 Maria Aparecida de Menezes Borrego. Laços familiares e aspectos materiais da dinâmica mercantil na cidade de São Paulo (séculos XVIII e XIX). *Anais do Museu Paulista: história e cultura material*, v. 18, p. 11-41, 2010.

19 Françoise Fourastié. *Histoire du confort*. Paris: Presses Universitaires de France, 1978; Katherine Grier. *Culture & Comfort*. Parlor Making and Middle-Class Identity, 1850-1930. London, Washington, Smithsonian Institution Press, 1988; Joan DeJean. *O século do conforto*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2012.

20 Siegfried Giedion. *La mecanización toma el mando*. Barcelona, Gustavo Gili, 1978 (1ª edição, *Mechanization takes command*. Oxford University Press, 1948);

21 Arjun Appadurai. *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008. [1986].

qual a materialidade seria a matriz da subjetividade, não há ação (ou situação) sem intermediação dos objetos²². Para o antropólogo, a constituição do sujeito se daria em diversas dimensões, uma delas, essencial, seria a dimensão corpo-objeto. Os objetos funcionariam como próteses, extensões indispensáveis e essenciais do próprio corpo para a prática cotidiana. A tal prática ou ação cotidiana ele chamou de “conduta motora”. A ação deixaria de ser um querer abstrato, um comando mental que usaria o corpo e os objetos. Tratar-se-ia, ao contrário, da “incorporação” da dinâmica dos objetos por meio de condutas motoras memorizadas pelo corpo e diferenciadas para cada um de acordo com as próteses que utiliza durante a sua existência. A síntese corpo-objeto se faria de maneira a tornar os gestos econômicos, poupando a fadiga mental ou física. Como um esquema, que ele chamou de “estereótipos motores”, estas condutas seriam vividas sem reflexão consciente e de maneira individualizada²³.

Tendo em vista as diretrizes acima expostas, procuramos indícios na documentação sobre o espaço doméstico da existência de ações motoras diferenciadas para homens e mulheres. Seria possível somar aos marcadores de gênero entendidos dentro do terreno comunicacional, do terreno dos sistemas simbólicos e das representações, aqueles deste outro sistema, o das condutas motoras, inconscientes?

A análise de repertórios materiais, suas formas de arranjo em sistemas decorativos, e sua articulação a momentos de ação descritos em documentos literários ou manuais de orientação indicaram-nos que a produção de identidades sexuais diferenciadas esteve diretamente relacionada às novas formas de consumo e especialização da casa moderna. Observamos que as ações sexuadas operacionalizáveis *com* objetos *no* espaço doméstico, definiram para o homem uma identidade autocentrada, fortemente individualizadora. Para a mulher, um tipo extensivo e inespecífico de comportamento a teria habilitado a funções de intermediária social ao custo, no entanto, de uma baixa capacidade de individualização²⁴.

Neste breve texto não é nossa intenção demonstrar cabalmente a hipótese aqui apenas enunciada, mas apresentar, na perspectiva conceitual apontada por Warnier, como a construção

22 Christopher Tilley. Objectification. In: Chris Tilley et all. (ed.). *Handbook of Material Culture*. London: Sage, 2008; Alfred Gell. *Art and Agency*. Oxford: Oxford University Press, 1998; Bruno Latour. The Berlin Key or How to do Words with Things. In: Paul Graves-Brown (ed.). *Matter, Materiality and Modern Culture*. London, New York: Routledge, 2000, p.10-21; Daniel Miller (ed.). *Materiality*. London: Duke University Press, 2005, 1-50; Nicole Boivin. *Material Cultures, Material Minds*. The Impact of Things on Human Thought, Society, and Evolution. Cambridge: Cambridge University Press, 2008; Dan Hicks and Mary C. Beaudry. *The Oxford Handbook of Material Cultures Studies*. Oxford, Oxford University Press, 2010.

23 Jean-Pierre Warnier. *Construire la culture matérielle*. L’homme qui pensait avec ses doigts. Paris: Presses Universitaires de France, 1999. Para uma introdução teórica ampliada sobre o tema cultura material e espaço doméstico ver Vânia C. de Carvalho. On ornament and hygiene. Modernity in the domestic space of a Brazilian capital. São Paulo, 1870-1920 In: DUDLEY, Sandra et. all. *Narrating Objects, Collecting Stories*. London/UK: Taylor & Francis/Routledge, 2012, p.71-84.

24 Vânia C. de Carvalho. *Gênero e artefato*. O sistema doméstico na perspectiva da cultura material. São Paulo: EDUSP/Fapesp, 2008.

do masculino e feminino acontece na dinâmica do corpo com o objeto e como essa interação lança novos desafios para a compreensão da natureza das representações, valores e sentidos. Apesar das dificuldades que o historiador encontra em tratar o objeto “em situação”²⁵, as descrições e imagens das práticas do sentar-se ofereceram-nos uma oportunidade de tratar o artefato como produtor de efeitos, como agente social. Nesta perspectiva, entendemos que a dimensão inconsciente das “condutas motoras” que envolve o uso de objetos é altamente eficaz na produção de desigualdades entre homens e mulheres²⁶, alicerçando os sistemas comunicacionais e simbólicos ao mesmo tempo em que destes depende. Assim, vejamos como tal problemática se aplica às práticas do sentar-se.

Existem duas maneiras básicas de sentar-se – a maneira oriental e a ocidental. A maneira oriental, também chamada “à moda árabe”, usa o próprio corpo em posturas auto-sustentadas, onde a comodidade é produzida pelo controle muscular, como é o caso do sentar-se colocando o peso do tronco sobre os ísquios (ossos da bacia) e cruzando-se as pernas dobradas para trás ou para a frente como vemos em gravuras de Debret e Rugendas²⁷. No sentar-se oriental, força e alongamento atuam juntos permitindo que o corpo relaxe por meio de pequenos movimentos de acomodação, que aliviam a fadiga, ao mesmo tempo em que se mantém em atividade por longo tempo. Já a maneira ocidental de sentar-se está baseada na posição ereta da coluna e no uso de artefatos de apoio, como a cadeira. A postura ereta de descanso apóia o quadril no assento e mantém as pernas estendidas em direção ao solo. A sustentação muscular é aliviada pela distribuição do peso no centro de gravidade da coluna²⁸, o que exige força muscular para a manutenção da postura. Como se vê pela sua simples definição, as duas maneiras de sentar-se mobilizam o corpo de modo muito diferente e envolvem, por isso mesmo, noções diferentes de conforto físico e aptidões diferentes para o trabalho e a comunicação.

O uso da cadeira, por sua vez, foi regido por tradições de longa data. Em muitas sociedades inclusive as indígenas brasileiras sentar-se em uma cadeira era privilegio do chefe. José de Almeida Santos cita estudo de Herbert Baldus em que o etnólogo afirma “entre muitas tribus, esses pequenos escabelos teem forma animal estilizada. Vi entre os Tapiraré só um banquinho. Parecia-se com o dos vizinhos Karajá [...]. Como nesta tribo, também entre os

25 Marcelo Rede. História e cultura material. In: Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas (org.). *Domínios da História*. Rio de Janeiro, Elsevier, 2012.p. 133-150. Ver, do mesmo autor, Estudos de cultura material: uma vertente Francesa. *Anais do Museu Paulista: história e cultura material*, São Paulo, v. 8/9, p. 281-291, 2000.

26 Parte das considerações aqui apresentadas são fruto de pesquisa de doutoramento e encontram-se desenvolvidas na tese *Gênero e Artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material*. São Paulo: Depto de História da FFLCHUSP, 2001, publicada com o mesmo nome em 2008.

27 Pedro Corrêa do Lago; Bandeira, Júlio. *Debret e o Brasil*. Rio de Janeiro: Capivara, 2008; Pablo Diemer; Maria de Fátima Costa. *Rugendas e o Brasil*. Rio de Janeiro, Capivara, 2012.

28 Siegfried Giedion. *La mecanización toma el mando*. Barcelona, Gustavo Gilli, 1978, p.274 e Carlos Lemos em Vera Galli. *Cadeira. O mobiliário no Brasil*. São Paulo: Empresa das Artes, 1988, p.12.

Tapiraré o escabelo era particular ao chefe. Os outros homens sentam-se em troncos de árvores cortadas ou, mais raro, em esteiras; as mulheres, em geral, diretamente no chão”²⁹. Em Portugal, outra herança próxima do Brasil, a cadeira também conheceu uma trajetória social de distinção de seu proprietário, tanto na esfera eclesiástica quanto na civil. Referindo-se ao uso das “Cadeiras de Estado” ou estadelas, justamente porque se encontravam associadas ao prestígio político do rei, Pedro Costa Pinto situa suas trajetórias como móveis de aparato e hierarquização:

*Primeiro nas casas senhoriais, onde não existia, pelo seu peso e grandes dimensões, mais do que um exemplar por compartimento, e emprestava ao chefe de família, que nelas se sentava, a atitude digna de poder que a sua figura exercia [...]. Posteriormente as cátedras, como consequência de um conjunto favorável de factores de ordem econômica, fruto do crescente desenvolvimento do comércio, do artesanato e artes, vulgarizam-se, e passam a integrar não só as habitações da nova burguesia endinheirada como as salas de reuniões das corporações de ofícios e confrarias. Estas nunca deixariam de ser unicamente utilizadas pelos membros de maior autoridade e prestígio, ainda que não fossem os originais, dentro de uma hierarquia estabelecida neste novo grupo social, seu uso, embora não tão restrito como outrora, continuou raro e de carácter pessoal*³⁰.

Tilde Canti, aos estudar os exemplares remanescentes no Brasil de cadeiras do século XVIII presentes em coleções particulares observa que a maioria provinha de conventos e sacristias³¹. Carlos Lemos observou que as cadeiras remanescentes dos séculos XVII e XVIII, no Brasil, eram provenientes de “igrejas, conventos, sedes de bispados ou então de órgãos públicos como câmaras municipais, assembleias etc.”. Pela sua origem nas esferas públicas e eclesiásticas, seu uso formal associado a reuniões, à escrita e à leitura, é provável que, ao migrar para o ambiente doméstico, as cadeiras tenham mantido, antes de sua difusão maciça, usos associados ao prestígio da figura masculina. Tais cargas simbólicas mantiveram-na distante das tarefas rotineiras e, portanto, das mulheres.

Mas esta exclusão do cotidiano de trabalho doméstico não parece ter dependido apenas de sua função paramental. A cadeira, por causa de sua constituição rígida, não parecia apropriada para as atividades exercidas por mulheres, para as quais o chão ou os bancos baixos eram a opção recorrente. Lúcio Costa nos dá bem a medida de como as cadeiras eram percebidas como

29 Herbert Baldus *apud* José de Almeida Santos. *O mobiliário artístico brasileiro*. São Paulo, Museu Paulista, tomo I, vol. I, 1963, p. 54-6 (coleção Museu Paulista).

30 Pedro Costa Pinto. *O móvel de assento português do século XVIII*. Lisboa, Mediatexto, 2005, p.21.

31 Tilde Canti. *op. cit.*, p.68.

desconfortáveis nos séculos que antecedem ao XIX – “Sentavam-se todos direito nas cadeiras, com as pernas meio abertas, assim como ainda hoje a gente do campo e, geralmente, os operários. É que o mobiliário não convidava a outras atitudes. Caracterizava-se todo ele, com efeito, pela sua estrutura de aparência rígida...”³². As mulheres sentavam-se no chão de terra batida³³, na esteira, na rede, em bancos baixos e no assento largo das marquesas³⁴. Na maioria das vezes adotavam o modo de sentar oriental³⁵, tradição que nos chegou através da cultura portuguesa de influência árabe e que permaneceu predominante até o início do século XIX³⁶. Móveis simples e flexíveis como as redes permitiam que as mulheres variassem suas posturas entre aquelas auto-sustentadas ao modo oriental, o sentado simples com as pernas pendidas, até o corpo recostado de lado ou completamente reclinado³⁷. As redes, utilizadas pela maioria Tupi³⁸, foram amplamente adotadas pelos colonos que costumavam pendurá-las rentes ao chão, servindo de sofá, principalmente para as mulheres.

De um modo geral, a rede³⁹, a esteira e a marquesa eram mais confortáveis que o mobiliário europeu característico do século XIX. Sua rigidez tornava-o incompatível com posturas mais confortáveis que pudessem ser aceitas em ambientes de convívio social mais amplo, como salas de visitas e salas de jantar, ou em ambientes de trabalho, como o escritório doméstico⁴⁰. Joan DeJean⁴¹ identifica nas ações de mulheres aristocratas francesas o início das preocupações como o sentar-se confortavelmente. Em retratos da marquesa de Montespan, uma das amantes de Luís XIV e de madame de Pompadour, amante de Luís XV, seus corpos

32 Lúcio Costa. *op. cit.*, p.139.

33 Em São Paulo parece que o uso do tapete não era habitual, conforme observou Maria Paes de Barros ao comentar a ida da família à igreja, onde as senhoras se sentavam no chão enquanto os homens se acomodavam nas naves laterais. Maria Paes de Barros. *No tempo de dantes*. São Paulo: Paz e Terra, 1998, p.39.

34 Tilde Canti. *op. cit.*, p. 37.

35 Jean Baptiste Debret. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1940, tomo I, vol.II, p.128. Prancha 6; T. von Leithold e L. von Rango. *O Rio de Janeiro visto por dois prussianos em 1819*. São Paulo: Ed. Nacional, 1966, p.27, 41. Machado de Assis. *Dom Casmurro*. São Paulo: ed. Ática, 1974, p.54.

36 O cultivo de atitudes corporais tidas como elegantes no sentar-se fez parte de uma mudança no repertório daqueles preocupados em construir uma boa imagem de si mesmos. As posturas agachadas e o uso do chão passaram a ser vistos como uma maneira rude, associada à pobreza e à falta de mobiliário, típico cenário da maioria das residências coloniais. Nas primeiras décadas do século XX, acocorar-se ou sentar-se no chão vai ser a marca registrada do brasileiro atrasado, oriundo da zona rural. Jurandir Freire Costa. *Ordem médica e norma familiar*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Graal, 1983, p.83; Auguste de Saint-Hilaire. *Viagem pelo distrito dos Diamantes e litoral do Brasil*. Belo Horizonte, ed. Itatiaia; São Paulo, Edusp, 1974, p.173; Tânia Regina de Luca. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo, Unesp, 1999, p.202; Ecléa Bosi. *Memória e sociedade*. Lembranças de velhos. São Paulo, Companhia das Letras, 1994, p.382.

37 George Gardner. *Viagem ao interior do Brasil*. Belo Horizonte, ed. Itatiaia; São Paulo, Edusp, 1975, p.74; Henry Koster. *Viagens ao nordeste do Brasil*. São Paulo, Ed. Nacional, 1936, p.203; Jean Baptiste Debret. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1940, tomo II, vol.III p.306,307. Prancha 42.

38 José de Almeida Santos, *op. cit.*, p. 53-4.

39 José Luís Lopes Araújo. *As transformações na produção artesanal de redes-de-dormir no Nordeste brasileiro e suas relações com a produção do espaço*. São Paulo, Depto de Geografia da FFLCH, 1996. Tese (Doutorado), p.35 e Sérgio Buarque de Holanda. *Caminhos e fronteiras*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1957, p. 297-301.

40 Siegfried Giedion, *op. cit.*, p.419.

41 Joan DeJean. *op. cit.*, 2012, p.171.

aparecem recostados, por vezes, em assentos e encostos almofadados. Foram estas mulheres as primeiras a transformar o lugar onde moravam em um ambiente confortável. O autor nos apresenta o que teria sido o primeiro anúncio de um sofá. A gravura, publicada na França em 1686, mostra uma mulher estirando uma das pernas sobre o assento do novo móvel, maneira de se alongar e de mostrar os detalhes de seu vestido. Posteriormente, quando o sofá tiver atingido os segmentos médios da sociedade, esse uso será interditado para ocasiões fora da intimidade do quarto.

No Brasil, quando acompanhamos as descrições e as imagens do uso desse tipo de móvel doméstico, notamos que, em situações de convívio, o homem senta na cadeira ou na poltrona e a mulher se senta rigidamente no sofá⁴². Sentar-se sozinho é uma maneira de produzir individualidade. Em outras palavras, o privilégio do isolamento do corpo em um invólucro macio e personalizado tinha o efeito de valorizar o dono da casa perante a coletividade familiar⁴³. No caso das mulheres, suas funções de mediadora social fizeram com que elas preferissem redes e sofás, móveis que propiciavam um maior contato com o outro. Na rede, a mulher podia compartilhar o lugar com pessoas íntimas – crianças, amigas, parentes ou parceiros masculinos. Sentadas com as pernas para um dos lados, as mulheres usavam-na como conversadeira⁴⁴. O sofá convida ao contato, à comunicação, expressa laços de amizade e de intimidade.

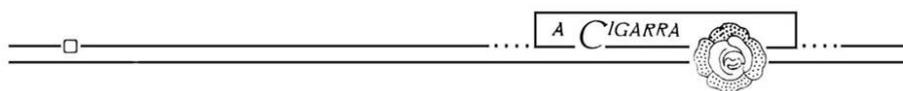
No entanto, observamos que ao abandonar as posturas mais próximas ao chão e utilizar o sentar ocidental, a mulher o fez de modo mais desconfortável que o homem. Enquanto o uso do sofá para recostar estava interditado nas áreas sociais, a cadeira de balanço, utilizada preponderantemente pelos homens, permitia que seu usuário se mantivesse reclinado confortavelmente mesmo em situações formais, como pode ser observado no retrato da família do advogado José Rodolpho Nunes, no estúdio da revista “A Cigarra” em S. José do Rio Pardo, em 1915. Enquanto o advogado se apresenta socialmente reclinado em sua cadeira de balanço, sua esposa mantém a postura rígida exigida para ocasiões de grande exposição social, como é o caso desta fotografia publicada em revista de grande circulação na época (**figura 1**). A estabilidade e difusão da imagem de casais em que o homem aparece sentado e a mulher em pé,

42 Ver alguns exemplos em Machado de Assis. *Linha reta e linha curva*. São Paulo, W.M. Jackson Ed., 1957, p.256; Machado de Assis. *Ressurreição*. São Paulo, Cultrix, 1960, p.86 e 101; José de Alencar. *Senhora*. São Paulo, Ática, 1971, p.213,214; José de Alencar. *Sonhos d'ouro*. Rio de Janeiro, Garnier, 1872, tomo II, p.194; Deveres de uma senhora. *Revista Feminina*, março de 1917, p.15; Casa Allemã. Moveis de couro. *A Cigarra*, 15 de outubro de 1920, s.n.p.

43 Richard Sennett, *Carne e Pedra: o Corpo e a Cidade na Civilização Ocidental*. Rio de Janeiro, Record, 1997, p. 273-279.

44 Henry Walter Bates. *O naturalista no rio Amazonas*. São Paulo, ed. Nacional, 1944, vol.I, p.174.

logo atrás, pode ser observada nas coleções de retratos dos anos de 1870 até as fotografias impressas em revista do final da década de 1910⁴⁵.



—“A Cigarra,, em S. José do Rio Pardo—



O dr. José Rodolpho Nunes, distinto advogado, e sua excma. família, posando para *A Cigarra*

Figura 1 – Retrato em estúdio da família do advogado José Rodolpho Nunes. “A Cigarra” em S. José do Rio Pardo. *A Cigarra*. 01 de agosto de 1915. s.n.p. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

A cadeira de balanço reclinável, em estilo vienense, que pertenceu ao político ituano José Vasconcellos de Almeida Prado (1840-1926), demonstra a versatilidade e o grau de conforto que estes móveis podiam proporcionar. Seu uso era semelhante ao da poltrona, geralmente pessoal e masculino (**figura 2**). Feita de palhinha, a cadeira possui várias opções de altura para o encosto e assento longo para acomodar as pernas. Sua estrutura de madeira vergada foi inventada pelo austríaco Thonet, que encontrou um meio de permitir que o móvel fosse montado ou desmontado apenas com o uso de parafusos. Tal mudança técnica tornou sua criação facilmente exportável. Além de conhecer um sucesso imenso, as cadeiras vienenses foram

45 Nos retratos de casais da coleção Militão Augusto de Azevedo, há dois tipos predominantes. Aquele em que os dois aparecem em pé, seguido pelo padrão homem sentado e mulher em pé. No tipo em que um dos pares apresenta-se sentado, 89% das vezes é o homem que tem a preferência.

também amplamente copiadas. A cadeira de balanço de José V. de Almeida Prado, sem marca aparente, poderia ter sido feita no Brasil. Tilde relata a existência da Companhia de Móveis Curvados, criada no Rio de Janeiro, em 1890.



Figura 2 – Cadeira de balanço tipo vienense com encosto reclinável e assento para sustentar as pernas, como uma *chaise longue*, em madeira e palhinha. Pertenceu ao político ituano José Vasconcellos de Almeida Prado. Segundo quartel do século XIX e primeiras décadas do século XX. Acervo do Museu Republicano Convenção de Itu, Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

Mas foi nos escritórios domésticos, território masculino por excelência, que encontramos um tipo de cadeira cuja estrutura física e relações que estabelece com o corpo são muito diferentes de qualquer outro móvel presente na casa paulistana abastada desse período. A *sitting chair*, conhecida entre nós como a cadeira “xerife” (o que denuncia a procedência norte-americana do modelo), foi desenhada e patenteada para uso residencial nos Estados Unidos em 1853, por Peter Tem Eyck, mas em 1860 já estava identificada à cadeira de escritório. Esta cadeira girava e balançava como a cadeira de balanço, por causa de uma mola colocada sob seu assento. A cadeira giratória foi criada no séc. XIV e no séc. XVI já se tinha conhecida a cadeira que girava sobre um pedestal⁴⁶. Sentar-se numa cadeira flexível como esta, afirma Giedion, requeria um aprendizado, pois o corpo devia colaborar com o mecanismo móvel da cadeira através de uma atitude de completo relaxamento (**figura 3 e detalhe**).

46 Molinier apud Siegfried Gideon, *op. cit.*, p. 302, 414.



Figura 3 – Poltrona com encosto alto em que se vê no detalhe o mecanismo para balançar e girar. Tais cadeiras foram lançadas no final do século XIX e estiveram em uso até os anos de 1940. Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

Esse novo objeto colocava o corpo em situação de simbiose com o móvel. As engrenagens mecânicas permitiam que pequenos movimentos fossem feitos, o que proporcionava um relaxamento do corpo sem, no entanto, desmobilizá-lo para o trabalho. Acreditava-se haver uma relação direta entre o bem-estar físico e pequenas mudanças regulares e inconscientes de posição. O corpo devia interagir com a cadeira conforme descreve Gideon: “Os joelhos, os tornozelos e as articulações dos dedos dos pés são parte do mecanismo da cadeira; são eles que regulam a posição do corpo para trás, para frente e para os lados, segundo requerem as circunstâncias e o relaxamento”⁴⁷. A síntese corpo-objeto resultava em uma máquina híbrida de conforto produtivo. Mas, apesar do impulso de renovação dado pelos Estados Unidos, a incompatibilidade com os valores artesanais e de ostentação do mobiliário doméstico resultou numa aversão ao uso de objetos mecânicos dentro de casa, preconceito que, ao atingir também os

47 Siegfried Gideon, *op. cit.*, p. 414.

Estados Unidos, vai fazer com que os chamados móveis patenteados sejam utilizados somente em ambientes de trabalho⁴⁸. No Brasil, a Indústria de Móveis Cimo S.A., fundada no Rio Negrinho em 1921, começou a fabricar cadeiras para cinemas, escolas e vão difundir um tipo de poltrona giratória e oscilante. Talvez tenha sido esta a maior distribuição de cadeiras de escritório que o período conheceu, já que esta indústria chegou a ser a maior da América Latina na produção de cadeiras e poltronas em madeira maciça⁴⁹.

Os homens paulistanos oriundos das famílias abastadas, que cultivavam em casa o hábito do trabalho intelectual, tiveram seu corpo educado pelas cadeiras giratórias e oscilantes utilizadas nas áreas de trabalho e nos seus escritórios domésticos. Esta cadeira convivia com outros objetos mecânicos – ventiladores, arquivos, estantes giratórias, máquinas de escrever etc. – que puderam adentrar a casa através das mãos dos homens⁵⁰. O corpo masculino, ao utilizar uma prótese tão diferente daquelas que eram utilizadas pelas mulheres, constituía-se essencialmente diferente, não apenas na dimensão do discurso, do que o acesso a esta cadeira simbolizava, mas na sua própria percepção e experiência de mundo (figura 4).



Figura 4 – Em fotografias de escritórios de empresas e bancos a poltrona giratória e oscilante pode ser observada em uso pelos seus empregados. Na revista *A Cigarra* observamos uma peça publicitária em que figura este tipo de cadeira. *A Residencia. A Cigarra*, 29 de julho de 1918, s.n.p. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

48 Siegfried Giedion, *op. cit.*, p. 412-436.

49 Santi, *op. cit.*, p. 95-157. Ver imagem da poltrona com encosto baixo e mecanismo giratório e oscilante produzida pela CIMO em Vera Galli. *Cadeira. O mobiliário no Brasil*. São Paulo, Empresa das Artes/Giroflex, 1988, p. 52.

50 A fábrica de Móveis-Tapeçaria Santa Maria, fundada em 1880, apresenta fotografia do interior da seção de cadeiras onde se notam poltronas do tipo *sitting chair*, porém com o espaldar alto. Jules Martin. *Revista Industrial*. São Paulo: s.c.p., 1900 (Prancha 13). Várias fotografias de interiores de escritórios de bancos e empresas mostram homens sentados em cadeiras deste tipo, de espaldar baixo. Há uma fotografia na matéria *Residencias Paulistas. Bureau particular da residência de Francisco Mendes, à rua Albuquerque Lins, 165* publicada na revista *A Cigarra*. 25 de dezembro de 1919, em que se nota uma cadeira deste tipo em escritório doméstico. O Museu Paulista possui exemplar de espaldar alto, veja figura 4.

Em resumo, poltronas, cadeiras de escritório, sofás, redes e esteiras deixam de ser um simples reflexo das alterações nas relações sociais. Eles fazem parte ativa na indução dessas alterações, possuem um “programa de ação”⁵¹, ou seja, elas têm previsto em seu funcionamento um modo de interação com o corpo que as tornam agentes desses processos.

Ainda que brevemente, esperamos ter estimulado o leitor a perceber como o deslocamento da análise de um quadro estritamente técnico e representacional para aquele das mudanças de usos deixa claro o potencial da abordagem da cultura material para o entendimento das relações de gênero.

51 Bruno Latour. The Berlin Key or How to do Words with Things. In: GRAVES-BROWN, Paul (ed.). *Matter, Materiality and Modern Culture*. London, New York: Routledge, 2000, p.10-21.